

ÍNDICE

Apresentação — 5

Nélson Jahr Garcia

Introdução — 7

Experiências com animais — 22

Comportamento animal e humano comparado
— 53

O uso de drogas em psicoterapia — 85

**Psicanálise, tratamento de choque e
leucotomia** — 103

Técnicas de conversão religiosa — 132

Aplicações de técnicas religiosas — 188

Lavagem cerebral na religião e na política —
227

Lavagem cerebral na Antigüidade — 281

(por Robert Graves)

Obtenção de confissões — 297

Consolidação e prevenção — 355

Conclusões gerais — 383

**Considerações sobre a mistificação religiosa
em tempos recentes** — 391

(por Nélson Jahr Garcia)

Notas — 404

Bibliografia — 424

**LUTA PELA MENTE
(Battle for the mind)**



William Sargant

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Este livro, de William Sargant, traz revelações importantíssimas sobre o funcionamento da mente humana e sua manipulação por políticos e sacerdotes. Não se apoia apenas em especulações teóricas de gabinete, mas em experimentos concretos realizados por Pavlov, Freud, vários psiquiatras e, principalmente, por ele próprio.

Com o auxílio do historiador Robert Graves demonstra como a conquista de cérebros, longe de ser uma atividade recente, é uma prática existente desde a Antigüidade.

O leitor pode compreender as técnicas mais freqüentes de manipulação tais como empregadas por políticos, religiosos, torturadores.

Torna-se possível compreender o objetivo de certas práticas do catolicismo, protestantismo e seitas derivadas, cultos africanos, vodu.

O leitor adquire condições de conhecer técnicas de hipnose e manipulação. Menos que empregá-las, importa aprender a se defender delas.

Nestes tempos de temor e insegurança, em que tantos perderam a noção de como sobreviver numa realidade adversa e estão a procura de salvação, tornando-se presas fáceis de manipuladores desonestos, a obra é de incrível atualidade.

INTRODUÇÃO

Políticos, sacerdotes e psiquiatras muitas vezes enfrentam o mesmo problema: como encontrar o meio mais rápido e permanente de mudar as convicções de um homem. Quando, ao aproximar-se o fim da Segunda Guerra Mundial, me interessei pela primeira vez a semelhança dos métodos que, periodicamente, têm sido usados pela Política, Religião e Psiquiatria, deixei de perceber a enorme importância que o problema tem agora por causa de um conflito ideológico que parece destinado a decidir dos rumos da civilização em séculos futuros. O problema do médico e de seu paciente com doença nervosa e do líder religioso que se dispõe a conquistar e conservar novos neófitos tornou-se agora o problema de grupos inteiros de nações que desejam não apenas preservar certas crenças políticas dentro de suas fronteiras, mas fazer prosélitos fora delas.⁽¹⁾ A Grã-Bretanha e os Estados Unidos vêm-se, portanto, obrigados pelo menos a estudar seriamente as formas especializadas de pesquisa neurofisiológica que têm sido cultivadas com tanta intensidade pelos russos desde a Revolução e têm ajudado a aperfeiçoar os métodos agora popularmente

chamados de “lavagem cerebral” ou “controle do pensamento”. Em agosto de 1954 o secretário da Defesa dos Estados Unidos anunciou a nomeação de uma comissão especial para estudar como os prisioneiros de guerra podiam ser treinados para resistir à lavagem cerebral. Reconheceu ele a conveniência de rever as leis existentes, os acordos governamentais e a política dos departamentos militares com relação aos prisioneiros capturados pelas nações do bloco soviético. Essa comissão enviou um relatório ao Presidente norte-americano em agosto de 1955.⁽²⁾

Também na Grã-Bretanha tem sido largamente reconhecida a necessidade de pesquisas mais sérias sobre as técnicas da conversão política rápida. Há muitos anos, por exemplo, a sra. Charlotte Tialdane advogou a realização de pesquisas sobre o mecanismo psicológico do processo pelo qual ela, esposa de um famoso cientista britânico, fora convertida à crença na interpretação russa oficial da dialética marxista; e aquele pelo qual se reconvertera ao ponto de vista ocidental, depois de não ter conseguido durante muitos anos perceber a falsidade do sistema russo. Koestler e muitos outros descreveram experiências pessoais idênticas.⁽³⁾

Muitos se espantam diante do espetáculo de uma pessoa inteligente e mentalmente

equilibrada que, levada a julgamento atrás da Cortina de Ferro, acaba não só acreditando, mas proclamando sinceramente que todas as suas ações e idéias passadas eram criminosamente erradas. “Como se dá isso?” — perguntam.

Nem sempre se percebe que isso pode ser o equivalente político daquela espécie de conversão religiosa que leva pessoas comuns e decentes a acreditarem que suas vidas não só foram inúteis como merecem eterna maldição por se terem descuidado de algum pormenor religioso. O mesmo processo psicológico pode ser visto em ação num paciente que se submete à psicanálise: ele pode ser persuadido de que anomalias em seu comportamento foram causadas por intenso ódio ao pai, embora sempre lhe tivesse demonstrado afeição e dedicação. Como podem as pessoas ser induzidas a acreditar naquilo que contradiz fatos evidentes?⁽⁴⁾ Uma distinção geral deve ser feita entre as mudanças graduais de visão do mundo e comportamento devidas ao avanço da idade, da experiência e da razão, e a abrupta reorientação total de ponto de vista, muitas vezes provocada pelos outros e que implica na renúncia a crenças longamente sustentadas e na adoção de novas crenças freqüentemente opostas àquelas.

Este livro examinará alguns dos aspectos mecânicos e fisiológicos mais importantes do problema e como novas idéias podem ser

transplantadas e firmemente enraizadas nas mentes até mesmo daqueles que a princípio as rejeitavam. Circunstâncias casuais estimularam meu interesse pelo assunto. A Segunda Guerra Mundial ofereceu à medicina oportunidades raras para estudar o colapso de pessoas normais submetidas a pressões intensas. Na Inglaterra, à época da invasão da Normandia em junho de 1944, medidas especiais foram adotadas para enfrentar novo surto de neurose aguda em militares e civis, resultante daquela operação. Certo dia, a caminho de um centro para tratamento de emergência de neurose, logo depois do começo da invasão, parei em um hospital neuropsiquiátrico norte-americano para visitar um colega, o dr. Howard Fabing. Acabara ele de ler um livro do renomado neurofisiologista russo I. P. Pavlov, intitulado “Reflexos Condicionados e Psiquiatria”⁽⁵⁾ e me aconselhou a fazer o mesmo imediatamente. O livro consistia em uma série de conferências feitas por Pavlov pouco antes de sua morte, em 1936, aos 86 anos; mas só foi encontrado em inglês em 1941. Exemplares da tradução haviam sido destruídos durante a blitz de Londres no mesmo ano, mas o dr. Fabing conseguira obter um deles. Como muitos neuropsiquiatras da Segunda Guerra Mundial, achava as observações de Pavlov sobre os animais extremamente úteis para a melhor compreensão de certos padrões de comportamento observados

quando seres humanos entram em colapso sob pressão anormal.(6)

As descrições clínicas de Pavlov sobre as “neuroses experimentais” que pode provocar em cães demonstraram corresponder de fato, muito de perto, às neuroses de guerra que estávamos investigando naquele tempo. Da mesma maneira, muitos dos tratamentos físicos, que por experiência foram desenvolvidos gradualmente durante a guerra para aliviar sintomas nervosos agudos, tinham obviamente sido antecipados por Pavlov, como resultado de suas longas pesquisas com cães.(7) Tornava-se claro, então, que havia necessidade de um estudo muito mais cuidadoso do que vinha sendo feito ultimamente na Inglaterra ou nos Estados Unidos sobre algumas daquelas descobertas, em sua possível relação com a psiquiatria humana.

As semelhanças entre estas neuroses e as neuroses de cães eram tão grandes que fizeram parecer ainda mais improvável serem corretas muitas das teorias psicológicas correntes sobre as origens das neuroses humanas e outras anormalidades de comportamento; a menos que se admitisse que os cães de Pavlov tinham subscientes e também superegos, egos e ids. E a parte desempenhada pelas alterações na função do próprio cérebro humano também tinha sido, ao que parecia, sumariamente desprezada

por alguns, na tentativa de explicar as razões não apenas de comportamentos neuróticos e criminosos, mas de todas as mudanças, reconsiderações e ajustamentos mentais que produzem o chamado comportamento “normal” em qualquer pessoa, à medida que reage contra o seu meio.

Quando, no fim da vida, Pavlov começou a comparar os resultados dos distúrbios da função cerebral notados em seus animais com aqueles verificados em seres humanos, essa fase de seu trabalho foi pouco estudada fora da Rússia; e inúmeros psiquiatras ingleses e norte-americanos ainda a desdenham, embora há muito tempo possam ser encontrados em ambos os países os livros referentes à questão. O fato é que Pavlov continua a ser conhecido principalmente pelas suas experiências de laboratório com animais e que lhe valeram o Prêmio Nobel; e muitos psiquiatras preferem uma base mais ampla para trabalhar do que o seu simples critério mecânico e fisiológico. Além disso, existe certa repugnância no mundo ocidental pelas investigações de Pavlov. Convicções culturais dão ao homem, além de cérebro e sistema nervoso, uma alma metafísica de ação independente, que se presume ajudar a controlar seu comportamento ético e determinar seus valores espirituais. De acordo com essa opinião ampla e vigorosamente sustentada, os animais irracionais têm cérebro,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

